

Terra, capital, trabalho: das mãos que tecem territórios de vida, luta e resistência aos impactos do desenvolvimento econômico

Jhonatas Ramos Macario de Araújo

Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Aracaju, Sergipe, Brasil.
e-mail: j.macario.ramos@gmail.com

Resumo

O trabalho em foco busca evidenciar a partir de relatos de lideranças, o processo de luta socioterritoriais em comunidades tradicionais do litoral sergipano. Entende-se que o território é um processo dialético da totalidade no que tange às transformações das relações de produção social, ou seja, o território é pensado aqui, como produto dos conflitos estabelecidos pelas relações sociais contraditórias. Tendo este cenário posto, esta nota é dividida em três dimensões: Terra, Capital e Trabalho, onde busco analisar como o avanço do capital sob a retórica do desenvolvimento econômico, impacta a reprodução social de povos e comunidades tradicionais.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; comunidades ribeirinhas; luta pela terra; acumulação por espoliação.

Land, capital, labour: from the hands that weave places of residence, struggle and resilience to impacts on economic development

Abstract

The work in focus seeks to show, from leadership reports, the process of socio-territorial struggle in traditional communities on the coast of Sergipe. It is understood that the territory is a dialectical process of the totality concerning the transformations of the relations of social production, that is, the territory is thought here, as a product of the conflicts established by the contradictory social relations. Given this scenario, this work is divided into three dimensions: Land, Capital, and Labor, where I seek to analyze how the advance of capital under the rhetoric of economic development, impacts the social reproduction of traditional peoples and communities.

Keywords: Traditional communities; riverside communities; fight for the land; accumulation by plunder.

Tierra, capital, trabajo: de las manos que tejen territorios de la vida, lucha y resistencia a los impactos del desarrollo económico

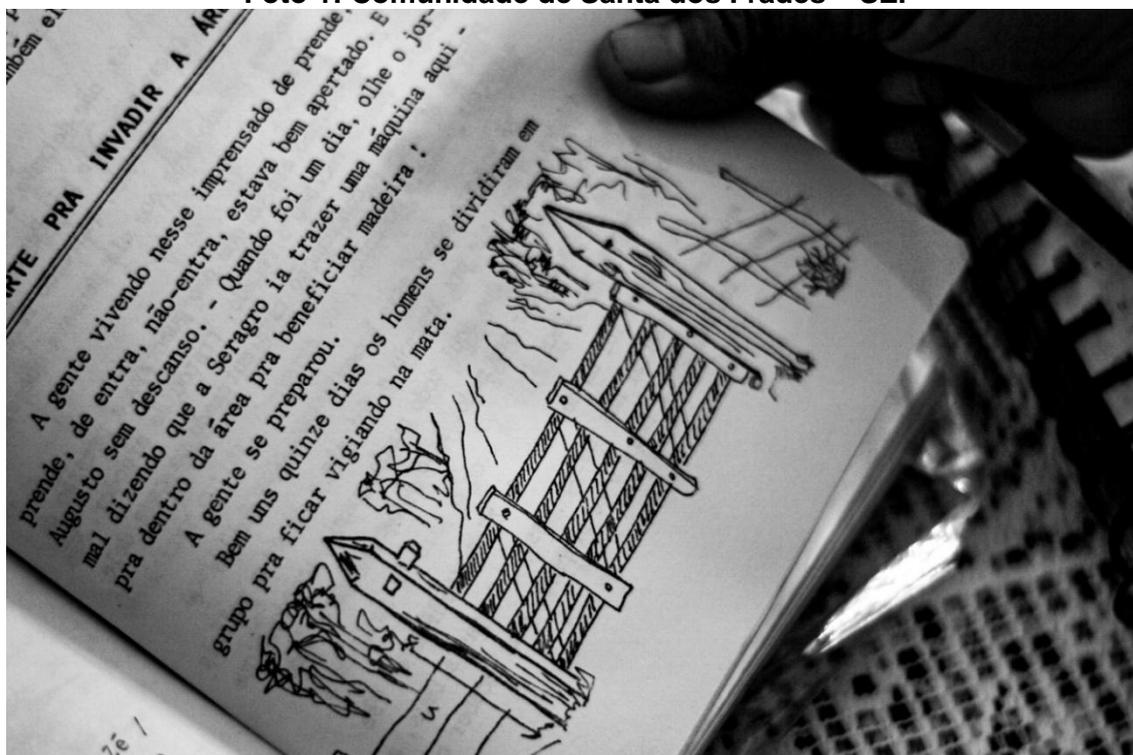
Resumen

El trabajo em foco busca evidenciar a partir de relatos de liderazgo, el proceso de lucha socio-territorial en comunidades tradicionales de la costa de Sergipe. Se entiende que el territorio es un proceso dialéctico de la totalidad respecto a las transformaciones de las relaciones de producción social, es decir, aquí se piensa en el territorio, como producto de los conflictos establecidos por las relaciones sociales contradictorias. Con este escenario en mente, esta nota se divide en tres dimensiones: Tierra, Capital y Trabajo, donde busco analizar cómo el avance del capital bajo la retórica del desarrollo económico, impacta la reproducción social de los pueblos y comunidades tradicionales.

Palabras Claves: Comunidades tradicionais; comunidades ribereñas; luta por la tierra; acumulación por saqueo.

Terra

Foto 1: Comunidade de Santa dos Frades – SE.



Registro em: 07/02/2020

Assim como defende Oliveira (1999) território é entendido como um processo dialético da totalidade no que tange às transformações das relações de produção social onde, “o território é produto concreto da luta de classes travada pela sociedade no processo de produção de sua existência” (idem. p. 74). Nessa perspectiva, são as relações sociais de produção que dão a configuração histórica específica ao território, ou seja, o território é uma contínua luta da sociedade pela socialização igualmente contínua da natureza. Partindo deste entendimento, o território é pensado como produto dos conflitos estabelecidos pelas relações sociais contraditórias. Conflitos esses que se estabelecem a partir de interesses de uma classe dominante e chanceladas pelo Estado, o que Delgado (2005) vai atribuir como sendo “pacto de classes”.

A terra em Santana do Frades, Pacatuba – SE é um processo de luta histórica, tornou-se livro, e hoje tenta-se manter viva para as atuais e futuras gerações. O seu espaço social sofre uma grande transformação, que é marcada por uma disputa pela ocupação e transformação do espaço geográfico. Como conta um pescador e agricultor, por volta de 1974, um fazendeiro que por ali se apossou, vendeu as terras a *Serigy Agronegócios* (Seragro)

A primeira agressão da Serigy foi “tranquila”. A segunda foi forte 100 e tantos capanga. A primeira foi leve, eles foram embora. Eles retornaram pra entrar com máquina, com homens, pra derrubar tudo. [...] Dias depois, a delegação da Serigy chegou. Nós nos dividimos. Uns ficaram na entrada da comunidade e outros na mata. Alguns apanharam. Os homens vinham armados com facão e foice, outras armas ficaram dentro dos carros. Na mata, chegaram caminhões e máquinas pra derrubar as casas. Na discussão do ‘entra-não-entra’, no ‘insistimento’ do trator pra entrar, ‘os cabras’ apontaram as armas e o motorista deu a volta na máquina.

Um documento que faz com que a comunidade nunca se esqueça de que a união e o “insistimento” constroem o seu território, e essa construção se dá principalmente pela construção de conhecimento (FERNADES, 2005). A resistência em Santana dos Frades tem sobretudo influência do Movimento Sem Terra – MST e de movimentos socioterritoriais ligados à Igreja Católica que cumpriu e cumprem, um papel fundamental na conquista, criação e manutenção do território. Na foto (1), enquanto uma liderança conta a história dentro da igreja da comunidade, um jovem folheia as páginas do livro.

Capital

“A gente não tem acesso não aquelas áreas ali [...] ali no eólico, vão tirar aquelas mangabeiras tudinho, é muitas mangabeiras. Ali onde tem pé de cajueiro, pé de mangabeira, vai ser tudo destruído” (trechos de um relato acerca dos impactos dos grandes empreendimentos na Barra dos Coqueiros – SE, fala de uma mulher representante do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe - MCM). O capital ao se apropriar de determinadas sociedades ele não altera somente o simples mecanismo de troca ou distribuição, mas ele age principalmente como determinante e regulador da reprodução social (WOOD, 2001). É importante frisar o processo de monopólio do território pelo capital, onde o “o capital monopoliza o território sem, entretanto, territorializar-se, criando e se recriando, definindo e se redefinindo nas relações de trabalho e produção camponesa” (OLIVEIRA, 2000, p. 478-479).

Foto 2: Praia do Jatobá, nas imediações da Comunidade Quilombola Pontal da Barra – SE.



Registro em: 31/08/2019

O que o autor retrata vai de encontro a categoria de acumulação primitiva, que Marx (2015, p. 858) define como sendo “(...) a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições da realização do trabalho”. Mas deixa evidente que este processo não se restringe à fase inicial desse modo de produção, ao afirmar que “(...) tão logo a produção capitalista se apoie sobre seus próprios pés, não apenas conserva aquela separação, mas a reproduz em escala sempre crescente” (idem, ibidem). Portanto, o desenvolvimento capitalista implica na intensificação deste processo, que vai adquirindo novas formas e conteúdos nos diferentes contextos históricos e socioespaciais.

Na fotografia (2) um pescador remanescente de quilombo entre uma das torres do Parque Eólico Barra dos Coqueiros em Sergipe, ilustrando o impacto que os grandes empreendimentos nas suas magnitudes, que incidem sobre os territórios de povos e comunidades tradicionais sob o discurso do desenvolvimento econômico.

“Retirar o pescador da beira da praia é o mesmo que tirar o agricultor do sertão” (Fala de um pescador, liderança do Quilombo Pontal da Barra, Barra dos Coqueiros -SE). Na foto (3), lideranças de comunidades costeiras observam em terra (na REBIO de Santa Isabel, Pacatuba – SE) uma plataforma desativada da Petrobrás no mar. *“[...] nenhum peixe fica”* Fala de um pescador em relação aos trabalhos desenvolvidos pela indústria petrolífera no mar, que além do relato de impedimento de pesca nas imediações, descreve a fuga dos peixes da área por conta das movimentações intensas, dificultando assim o acesso das comunidades pesqueiras que subsistem de tal atividade econômica.

Foto 3: REBIO de Santa Isabel em Sergipe.



Registro em: 07/02/2020

Trabalho

“A gente vê que mangue ele não desmerece trabalho de ninguém, nem pergunta “e aí você estudou até que série?” para você catar o caranguejo, ou o peixe [...] a mangabeira da mesma forma. Esses ecossistemas... esses territórios que a gente se utiliza que de fato é que tá dando [...] que ainda mantém muita gente trabalhando, e é isso que a gente tem que tentar garantir” (trechos de um relato acerca dos impactos dos grandes empreendimentos na Barra dos Coqueiros – SE, fala de uma mulher representante do Movimento das Catadoras de Mangaba de Sergipe - MCM).

É perceptível o quanto a dimensão do trabalho é importante para a reprodução social dos povos e comunidades tradicionais. Ele permeia todas as esferas, sejam elas, cultural, política e econômica. Presente tanto no espaço social, quanto no espaço geográfico, as lutas que se constroem nos seios dessas relações se dá sobretudo pela (re)produção social dos modos de vida, uma vez que “os movimentos socioterritoriais têm o território não só como trunfo, mas este é essencial para sua existência” (FERNANDES, 2005, p. 11). Como já supracitado, o território ele é entendido aqui, como um processo dialético, sendo assim, os territórios se movimentam pela conflitualidade, onde a transformação do espaço em território se dá pela mesma, “definida pelo estado permanente de conflitos no enfrentamento entre forças políticas que procuram criar, conquistar e controlar seus territórios” (idem. p.7). No mais, “a luta pela terra acaba se transformando em uma luta contra o capital, contra a expropriação e a exploração que estão na sua essência” (MARTINS, 1995, p. 177). Esses

movimentos se tornam levas, sociedades contra o estado que resistem para continuarem existindo.

Foto 4: Pirambu – SE.



Registro em: 13/02/2020.

Na foto (4), marisqueiras desempenham o beneficiamento do pescado que chega no porto em Pirambu – SE, uma atividade desempenhada na sua maioria por mulheres, fruto desse trabalho em relato, gera o sustento de famílias inteiras que vem sentindo a queda dos pescados, apontando os prejuízos para indústria do petróleo e gás e o recente derramamento de óleo na costa do nordeste. *“O cheiro do mangue é meu cheiro, se o mangue morre, eu morro”* (trecho de um relato acerca dos cercamentos e degradação dos mangues, narrado por uma liderança do Movimento de Marisqueiras de Sergipe), para além de uma atividade econômica de subsistência, o trabalho para os povos e comunidades tradicionais representa um modo de vida, representa ancestralidade, cultura e sobretudo respeito e cuidado com seus territórios.

Na foto (5), a fabricação do chapéu de palha a partir da palha do Ouricuri na comunidade de Santana dos Frades, Pacatuba – Sergipe. Um trabalho manual realizado na sua maioria por mulheres, que realizam desde a retirada da palha, ao processo de confecção, ofício esse passado de mãe para filha.

Na foto (6), uma senhora assentada fazendo sua tarrafa na igreja da comunidade, enquanto um dos anciões relata as histórias de luta e o cotidiano da localidade, desde de sua formação até a conquista das terras.

Foto 5: Comunidade de Santa dos Frades – SE.



Registro em: 07/02/2020

Foto 6: Comunidade de Santa dos Frades – SE.



Registro em: 07/02/2020.

Referências

DELGADO, G. A questão agrária no Brasil: 1950- 2003. In: RAMOS FILHO, L. O.; ALY JÚNIOR, O. (Org.). **Questão agrária no Brasil: perspectiva histórica e configuração atual.** São Paulo: INCRA, 2005.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos Socioterritoriais e Movimentos Socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA**, ano 8, número 6 – janeiro/julho de 2005.

MARTINS, J. S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Editora Vozes, Petrópolis, 5ª Ed. 1995.

MARX, K. **O capital**, livro I, v. II. Rio de Janeiro, editora civilização brasileira, 2015.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Território e Migração**: discussão conceitual na Geografia. São Paulo: USP, 1999.

_____. **Agricultura brasileira transformações recentes**. Apud. ROSS,

Jurandyr L. Sanches (org.). Geografia do Brasil. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

WOOD. E. M. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 2001.

Sobre o autor

Jhonatas Ramos Macario de Araújo – graduando do curso de Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista de iniciação científica no subprojeto Observatório Social dos Royalties (OSR) parte integrante do Programa de Educação Ambiental com Comunidades Costeiras (PEAC). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão de Sergipe (FAPESE). Fotógrafo amador caminhando, pesquisando e registrando sob territórios de povos e comunidades tradicionais do litoral sergipano. **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0001-7405-2995>

Como citar esta nota/memória fotográfica

MACARIO, J.R. Notas/Memórias Fotográficas: Terra, capital, trabalho: das mãos que tecem territórios de vida, luta e resistência aos impactos do desenvolvimento econômico. **Revista NERA**, v. 24, n. 57, p. 327-334, Dossiê I ELAMSS, 2021.

Recebido para publicação em 27 de fevereiro de 2020.

Devolvido para a revisão em 09 de julho de 2020.

Aceito para a publicação em 31 de agosto de 2020.
